



3.º ANO

REVISTA DO MINHO

3.ª SÉRIE

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES.

DIRIGIDA POR JOSE DA SILVA VIEIRA

E COLLABORADA POR FOLK-LORISTAS PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS

N.º 12 VOL. III

ESPOZENDE, 28
DE FEVEREIRO DE 1888

Cancioneiro Minhoto

Canções populares d'Espozende

(Continuado do n.º 11 do 3.º anno)

491
Oavi cantar a sereia
no meio d'aquelle mar;
muitos navios se perdem
ao som d'aquelle cantar!

492
Menina que está a janella,
quizera ser o seu leito,
só para a ver debruçada
no peitoril de meu peito.

493
Dá-me um beijo, dou-te dois,
dou-te assim paga dobrada;
é estylo de quem namora
não ficar a dever nada.

494
Fostes dizer mal de mim
á pessoa que me adora:
mas se ella bem me queria
muito mais me quer agora.

495
Com paciencia só Jah,
com sabedoria Salomão,
como discreto Jacob
e para forças Sansão.

496
No meio d'aquelle mar
está uma pomba branca;
não é pomba, não é nada,
é o mar que se levanta.

497
Reuxinol das penas d'ouro
deixa a baga do loureiro,
deixa dormir a donzella
que está no somno primeiro.

498
Manoel: tão lindas moças,
Manoel: tão lindas são;
quero-te bem, Manoel,
da raiz do coração.

499
Botei um limão, correndo
à tua porta parou
quando o limão te quer bem
que tará quem o botou.

200
Esta noite sonhei eu
um sonho bem atrevido:
sonhei ter na minha cama
a forma do teu vestido...

(Continua)

J. DA S. VIEIRA.

POESIA POPULAR

ROS

CAMPOS

(Continuado do n.º 9)

Dirão, talvez, que esta promessa de um astro a outro não está pedindo a reflexão da crítica? Não haverá escondida n'esta astronomia saloia uma verdade scientifica a indagar? Faremos a pergunta, e deixamos a resolução d'ella a quem competir.

Querem agora uma hiperbole arrojada? E' a primeira que vamos citar do nosso poeta. Sabemos que a hão-de achar extravagante, mas a sua desculpa está no motivo que a originou—o crime! Orestes fez, e Othelo disse ainda peor que o nosso poeta:

Eu corri o mar á roda
Co'uma vela branca accesa;
Em todo o mar achei fundo,
Só em tí não ha firmeza!

Como corréctivo d'esta exaggeração,ahi vac uma das mais perfumadas e sentidas coplas populares, já diversos vezes louvada pela crítica, mas que, pela sua resignada doçura, vac bem cabida n'este logar:

Por te amar perdi a Deus,
Por teu amor me perdi;
Agora vejo-me só,
Sem Deus, sem amor, sem tí!

Millevoye, o poeta das melancolias intimas, não pintaria, decerto, mais resignado o seu adolescente, despindo-se da vida ao cair das folhas seccas do outomno.

Viver só—sem Deus e sem amor—é mais triste que saudar pela ultima vez o sol amortecido da estação dos desengana-dos da terra.

Na aldeia as Safus são quasi tantas co-

mo os Anaereontes, e as lastimas d'ellas não menos doloridas que as d'estas. A morte inesperada de um noivo é dignamente commemorada n'esta singela queixa:

Eu fui a mais desgraçada
Das filhas de minhas mãe;
Todas tem a quem se cheguem,
Só eu não tenho ninguem!

Que grande dôr não era a da pobre raparigano seu abando! Ella, que amava com toda a innocencia dos primeiros amores, e que falava inteira a verdade, dizendo:

Costumei tanto os meus olhos
A namorarem os teus,
Que de tanto confundil-os,
Nem já sei quacs são os meus.

Agora os olhos que ella assim trazia empregados lavam-lhos as lagrimas de uma eterna e irremediavel saudade.

Dissemos no começo d'este artigo que a poesia no campo dava para tudo, e crêmos tel-o provado exemplificando a nossa afirmativa.

Querem ouvir uma quasi impiedade justificada pelo excesso do bem querer? E' uma rapariga antependo ao simbolo venerando do Cristiano a profanidade dos seus terrestres affectos:

Se passares pelo adro
Tira o chapéo, reza á Cruz;
Que o meu amor é mordomo
Da capella de Jesus.

Acabada a mordomia, é possível que acabe com ella a reverencia da ingenua aldeã.

Que melhores pensamentos se podem exigir a quem anda preso, como diz o es-tribilhio constante dos bailes de roda, nas cadeias do amor?

Nas cidades é fama que engordam os procuradores; pelo menos Bocage assim o

affirmava. Na aldeia morreriam todos de fome se os pleitos fossem como este:

A rosa tem vinte folhas,
O cravo tem vinte e uma,
Armou a rosa demanda
Pelo cravo ter mais uma.

Causas d'estas não sobem ao supremo tribunal de justiça, revolve-as a propria rosa conservando o seu perfume e os seus espinhos, e deixando ao cravo a fartura de mais uma folha. Se duvidam, ouçam:

Ainda agora eu reparo
Em quem anda no terreiro!
Anda o cravo e mais a rosa,
Anda o ramalhete inteiro!

Então não se conciliaram depressa as duas flores? Assim as das salas se harmonisassem entre si, como as do campo sabem esquecer as suas momentaneas desavenças em publico terreiro!

Uma das mais pronunciadas feições do lirismo moderno é o desalento. Chorar as magoas proprias ou as alheias, parece ser a predestinação da poesia do nosso seculo, que quasi só encontra excção na serenidade dos poetas que retemperam o espirito cançando o corpo no amanho da terra. arrimo e providencia dos não eleitos da fortuna.

Não sei que quer a desgraça,
Que atraz de mim corre tanto!
Hei-de parar e mostrar-lhe
Que de vê-a não me espanto.

Uma variante da mesma idéa, mas expressa talvez ainda com maior resignação e sentimento poetico, é a seguinte:

Eu quero bem à desgraça
Que sempre me acompanhou,
Tenho odio à ventura
Que bem cedo me deixou.

Desde Almeida Garrett, na maviosa invocação do seu poema *Camões*, não ha poeta nem versificador que tenha deixado de incomodar a «saudade» consagrando-lhe uma estrofe mais ou menos banal. Doença endemica no paiz, a saudade fez-se a musa dos bastardos da poesia, e não ha lira, por desafinada que seja, nem poeta,

Das faixas infantis despido apenas,

que não se recorde do seu breve passado, e não lhe dedique um hino quasi sempre mentiroso.

Pois antes de Almeida Garrett ter chamado á saudade

...Gosto amargo d'infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,

já o povo dizia singela e poeticamente:

A ausencia tem uma filha
Que tem por nome «saudade»;
Eu sustento mãe e filha
Rem contra minha vontade.

Como se vê, a saudade, que os poetas dos livros procuram como inspiração, sustenta-a contra vontade o homem do povo, e confessa francamente.

L. A. Palmeirim.

TRADIÇÕES POPULARES DE BARCELLOS

III

COSTUMES POPULARES

IX

c) Na noite de Natal é muito bom deixar a meza posta no fim da

ceia para os apóstolos virem comer.

X

d) É muito bom guardar as pinhas que assam na noite de Natal para deitar ao lume quando estiver trovoadas.

XI

e) Quando o Sagrado Viatico for a qualquer enfermo e voltar pelo mesmo caminho —morre.

XII

f) Quem passar pelo sitio onde um burro se espolinhou, indo descalço, nasce-lhe 7 couros n'um pé.

XIII

g) Indo de noite com uma criança ao collo, assim que se passar por qualquer esquina de rua ou largo deve dizer-se: «*Vamos á madrinha, vamos á madrinha*» por que se não fica tolhida.

XIV

h) Quando uma mulher tem uma criança deve mandar deitar as sercundinas dentro d'um pucaro ao rio porque se algum gato as come a criança hade ser por força ladra.

XV

i) Quando a na mulher tem um filho pequenino e ella não está em caza, picando-lhe os peitos. É signal que a criança tem vontade de mamar.

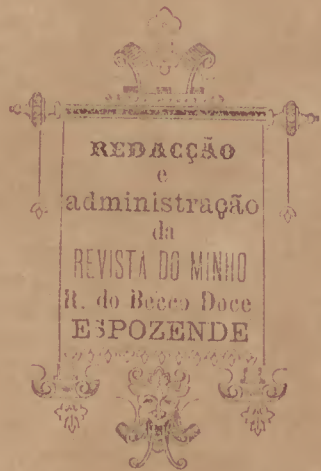
XVI

j) Quando se olha de noite para o ceo e se vê correr uma estrella deve-se dizer: *Deus te guie, Deus te guie.*

XVII

k) Para que o sangue dos porcos cresca na panella, quando se estiver a cozer deve-se chamar pela *alma do porco* (B) e por isso deve dizer-se—*chico! chico! chico!* (C).

C. A. Landolt.



(B) Sobre este costume conf. F. Martins Sarmiento, num art. publicado no *Anuario para o estudo das trad. pop. port.* pag. 36—1882.

(C) *Chico* (=Francisco). Sobre este estudo vid. *Contribuições para o estudo da linguagem infantil*, por J. Leite de Vasconcellos.